TL 6454

COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS

TIMOR-LESTE

Ponto 10 - detenção, tortura e desaparecimentos

Senhor Presidente, senhoras e senhores.

No dia 3 de Fevereiro de 1990, perante 400 timorenses, na maioria funcionários da administração, o General Murdani, Ministro indonésio da Defesa, ameaçava: **"Não digam 'sou um patriota timorense', não há patriotas timorenses, só há patriotas indonésios. Se tentarem organizar-se, e esse movimento for forte, esmagá-los-emos a todos. Repito, esmagá-los-emos a todos!".**

Uma gravação deste discurso conseguiu sair de Timor-Leste, território invadido pela Indonésia há 15 anos. Queremos lembrar o drama deste povo num momento em que a Organização das Nações Unidas decidiu intervir para pôr fim à ocupação do Koweit.
Após 15 anos de ocupação, mesmo quando a linguagem é menos brutal do que a utilizada pelo Ministro da Defesa, é ainda e sempre o esmagamento a prática dos generais e governantes indonésios.

Entre Janeiro e Março do ano passado, o Comité Internacional da Cruz Vermelha disse ter visitado, entre Janeiro e Março, 82 prisioneiros detidos por **"motivos de segurança"**. É conhecido que o CICR não está autorizado a visitar todas as prisões, nem todos os prisioneiros; assim, este número é provavelmente muito inferior à realidade.

Entre Abril e Agosto são conhecidos numerosos casos de violações: 20 casos de execuções sumárias, não contando os 16 casos que, segundo o Instituto dos Direitos Humanos em Jacarta citado pelo 'New York Times', teriam ocorrido em Junho. Um outro caso citado pelo periódico é do timorense de Ainaro, executado pelos militares no dia 17 de Agosto (dia da independência da Indonésia), quando fugia depois de ter sido espancado por falta de atenção durante o içar da bandeira indonésia (NYT, 21/10/90).
São igualmente conhecidos neste período 12 casos de desaparecimentos; 28 casos de prisões, acompanhadas de torturas e espancamentos em pelo menos 21 casos; 10 casos de violação de mulheres e raparigas, uma das quais assassinada após uma violação colectiva pelo Batalhão 509.

Cabe aqui uma palavra sobre a situação das mulheres que, para além da repressão e arbitrariedade que vive todo o povo, são objecto dos frequentes abusos aplicados pelo exército de ocupação: as mulheres cujos maridos se encontram na resistência, as viúvas e raparigas são as vítimas preferenciais. O último caso conhecido data de Janeiro de 1991. Duas jovens, Eurosia e Domingas, de 15 e 16 anos apenas, foram perseguidas por soldados. Domingas partiu a perna direita, os militares atacam Eurosia e depois de a terem violado várias vezes, assassinaram-na e mutilaram o seu cadáver com um sadismo que me abstenho de descrever.

Cada vez que os timorenses se manifestam pacíficamente e protestam contra a presença militar e as atrocidades cometidas contra um povo inocente, são tratados como criminosos e a Indonésia responde com mais repressão, prisões e tortura.

Em 4 de Setembro, 50º aniversário da diocese de Dili, no fim de uma missa celebrada pelo Núncio Apostólico, uma nova manifestação é violentamente reprimida. Foram presas na altura pelo menos 31 pessoas, cujos nomes são conhecidos, e 7 outras desapareceram desde então.

Escreve de Dili um timorense: **"Muitas pessoas têm agora desaparecido em Dili, ou aparecem mortas em 'acidentes'. Em Setembro, apareceu em Dili um novo esquadrão da morte chamado 'NINJA', formado por militares e paramilitares indonésios, para combater os jovens timorenses. Eles vestem-se de preto, usam máscaras e longos postiços negros. Aparecem de noite e assaltam de repente as casas, batem nas pessoas com paus ou ferros e depois levam-nas para os locais de tortura... Alguns nunca mais são vistos".**

Em Outubro, ocorrem novas violências dirigidas especialmente contra os estudantes dos liceus de Dili. Só entre os dias 15 e 26 de Outubro foram presas 45 pessoas em Dili, segundo fontes da Igreja timorense citadas pela Agência France Presse. O próprio comandante militar indonésio, General Warouw, confirma que foram presas 32 pessoas, dizendo que 14 continuavam detidas por **"desafio à lei"**.

Pela mesma altura, 41 pessoas são presas a 14 de Outubro em Ainaro, ao sul de Dili, e 8 em Baucau, segunda cidade do território. Conselheiros diplomáticos das embaixadas de 10 países em Jacarta, que visitaram Dili, Baucau e Lospalos entre 15 e 19 de Outubro passado, manifestaram-se surpreendidos com o **"ambiente de insegurança, medo e violência que se vive em Timor-Leste"**.

A 18 de Novembro, militares e polícia secreta indonésia invadem a residência paroquial de Motael, em Dili. Um estudante de 23 anos, Aleixo da Silva Gama, foi brutalmente espancado e levado coberto de sangue. Interrogado e torturado até ao dia 22, data em que foi levado para a prisão da Comarca, desapareceu desde então.

Em Novembro ainda, tem-se conhecimento da prisão de 96 pessoas em Liquiça, alguns quilómetros a oeste de Dili; quatro outras em Manatuto, cidade a leste de Dili; e ainda outros oito presos e torturados em Maliana, a sudoeste de Dili.

Este clima de terror, muitas vezes denunciado pela Amnistia Internacional, não é novidade, mas o isolamento do território onde os raros visitantes são guiados e vigiados não permite informação sobre todos os casos. Em 380 casos de violência ocorridos em 1990, e naqueles em que nos chegou o nome das vítimas, mais de 200 casos aconteceram em Dili. Mas que se passa fora de Dili? Em 27 civis timorenses citados num documento dos Serviços Secretos indonésios e que teriam sido executados pelo exército em 1989, nenhum vivia em Dili!

O ministro indonésio dos Negócios Estrangeiros, Ali Alatas declarava recentemente que Timor-Leste **"não é o inferno mas também não é a boca do inferno"**. Abílio Mesquita, 23 anos, estudante, não é certamente da mesma opinião. Foi preso em Dili em 29 de Outubro, depois de espancado foi conduzido pelos militares até Farol, local militar de interrogatório. Antes de o interrogarem, aplicaram-lhe choques eléctricos em todo o corpo, espancaram-no com uma barra de ferro e pontapearam-no. Perante a sua recusa de denunciar padres timorenses como sendo os organizadores da manifestação, repetiam as torturas até lhe esmagarem a cabeça com uma pedra, partindo-lhe um maxilar. Levado para outro local, a tortura recomeçou durante 4 dias. Coberto de sangue foi levado então para o hospital militar de Dili, a 2 de Novembro, mas foi preciso que o Bispo de Dili se responsabilizasse pelo pagamento de 500.000 rupias exigidas pelo médico para que o ferido fosse operado, 22 dias depois da tortura.

A estas violências, deve acrescentar-se a falta de liberdades fundamentais: movimento, expressão, reunião, informação, etc. Escreve um timorense da zona de Baucau: **"A vigilância na aldeia é feita por 6 indonésios javaneses e suas famílias. Não são permitidas visitas à noite e o povo tem de pedir autorização para tudo. Em 87-88 a procura de alimentos na floresta era proibida em Venilale e Baucau por causa das operações militares indonésias na área. Mas ainda hoje há fome na minha aldeia. O meu pai, carpinteiro e camponês, foi libertado da prisão de Baucau em Setembro. Fora acusado de tentar contactar a resistência quando saiu à procura de comida para as pessoas e os animais, erva, cocos, frutapão, etc."**.

Senhor Presidente, os membros desta respeitada Comissão não podem ficar indiferentes ao drama de um povo, prisioneiro na sua própria terra. Os factos apontados são recentes e desmentem as pretensões indonésias de apresentar Timor-Leste como situação normalizada. Apelamos aos Estados membros desta Comissão para que sobreponham os interesses da justiça e do direito internacional aos seus próprios interesses particulares.

Muito obrigada, Senhor Presidente.

ANA NUNES